

A esquerda e o golpe de 1964:

Entrevista com Dênis de Moraes

The Left and the 1964 Coup:

Interview with Dênis de Moraes

Chico Otávio

Professor do Departamento de Comunicação da PUC-Rio desde 2005. Jornalista investigativo vencedor de sete Prêmios Esso. Mestrando no Programa de Pós-graduação em Comunicação da PUC-Rio, Especialista em Políticas Públicas pela UFRJ e Bacharel em Jornalismo pela FACHA. PUC-Rio, Programa de Pós-graduação em Comunicação, Rio de Janeiro (RJ), Brasil.

“A ofensiva feroz da extrema direita põe em risco o futuro da democracia e dos valores civilizatórios”. O alerta é do professor e escritor Dênis de Moraes, em entrevista sobre o atual momento das esquerdas no Brasil, impactado pela perda das ruas e de uma parte da juventude para as forças conservadoras.

João Goulart acreditava que as forças aliadas eram suficientes para barrar os inimigos. Não contava apenas com o “dispositivo militar”, a plêiade de oficiais de confiança nomeados para o Alto Comando das Forças Armadas. Esperava também a eclosão de uma grande greve geral, liderada pelas esquerdas, capaz de acuar os conspiradores. Na noite de 31 de março, tudo isso falhou. Os tanques desceram de Juiz de Fora sem encontrar resistência. No dia seguinte, Jango estava deposto, e o país mergulharia em uma longa noite de sombras, encerrando de forma violenta um dos mais vigorosos momentos da história das esquerdas no Brasil.

<https://doi.org/10.46391/ALCEU.v24.ed53.2024.432>

ALCEU (Rio de Janeiro, online), V. 24, Nº 53, p.135-142, maio/ago. 2024

O que teria dado errado? Uma rica produção acadêmica oferece muitas respostas sobre o papel das esquerdas na escalada de eventos que culminou no Golpe de 1964. Uma das obras essenciais é o livro *A esquerda e o golpe de 1964*, lançado em 1989 pelo jornalista, pesquisador e professor Dênis de Moraes, da Universidade Federal Fluminense (UFF). Em março deste ano, no mesmo momento em que o Governo Lula excluía da agenda oficial qualquer evento ou referência aos 60 anos da queda de Jango, Dênis não deixou a data passar em branco ao lançar a obra revisada. Em entrevista à Revista Alceu, o autor reconhece que a esquerda de hoje perdeu as ruas para o conservadorismo e suas camisas amarelas. E o dado mais preocupante para os seus líderes: o discurso de direita conseguiu encantar parte da juventude, a mais relutante frente às práticas dos governos do PT, especialmente pelas suas políticas de alianças “extremamente discutíveis”.

Para os que ponderam sobre o eterno dilema da falta de autocrítica das esquerdas brasileiras, a entrevista de Dênis de Moraes é um prato cheio. Nela, o escritor reflete sobre o papel do governo Lula nas crises da Venezuela e da Nicarágua e sobre o vigor dos movimentos identitários, como a Parada do Orgulho LGBTQIA+; discorre sobre a insurgência das forças ultraconservadoras na América Latina, de Jair Bolsonaro a Javier Milei; e, sobretudo, enfrenta os problemas que afastaram as esquerdas das lutas de massa e de sua interlocução com a sociedade. Indagado se tem vontade de escrever um novo livro, mais uma vez debruçado sobre o tema, o professor disse que começaria pelo entendimento de que a crise das esquerdas não cabe mais dentro do armário. “É hora de abrir as portas e colocar em discussão o papel e as propostas de partidos, organizações e movimentos de esquerda em um momento histórico, caracterizado por uma ofensiva feroz das forças extrema direita e da direita a elas associada, que põe em risco o futuro da democracia e dos valores civilizatórios e qualquer ideia de emancipação social”.

1. O movimento estudantil brasileiro, pela tradição histórica, tem um acúmulo de lutas contra as forças do "sistema". Para os jovens nascidos nas décadas de 1990 e 2000, o sistema passou a ser representado por governos do PT, pelo menos até a queda de Dilma. Combater o sistema, para essas gerações, passou a ser combater a esquerda no poder?

Resposta: Creio que nós podemos dividir em duas partes uma reflexão em torno dessa instigante pergunta. Em primeiro lugar, cabe reconhecer que o movimento estudantil brasileiro sempre transcorreu em círculos de avanços e refluxos, em função de circunstâncias e contingências históricas, sociais e políticas distintas. Como demonstrei no livro *A esquerda o golpe de 1964*, o período entre 1960 e a eclosão

do golpe de 31 de março de 1964 se caracterizou por uma extraordinária mobilização das novas gerações, que se politizaram muito a partir de uma identificação muito poderosa com o imaginário de transformações sociais suscitado pelo triunfo da revolução cubana. Havia um ambiente propício do país no sentido de vivenciarmos um processo de amplas liberdades democráticas, principalmente durante o mandato do presidente João Goulart, em que as forças sociais puderam se organizar, se manifestar, se posicionar e assumir uma postura reivindicatória sem nenhum tipo de repressão, sem nenhum tipo de correção. Ao contrário, o governo Goulart sempre conviveu democraticamente com os reclamos da sociedade das organizações sociais progressistas. Mesmo depois, na ditadura, na abertura política e no início da Nova República, nos anos de 1990, a participação das novas gerações do movimento estudantil foi bastante significativa, inclusive nos períodos de repressão, de censura e de todo tipo de perseguição às lideranças. As organizações mais politizadas resistiam ao regime arbitrário instituído pelo golpe de estado. Esse é um primeiro ponto que gostaria de fixar.

2. E a segunda parte?

Resposta: Uma segunda parte diz respeito aos governos do PT, iniciados em 2003. Nesse período, caracterizado por um conjunto de contradições, tivemos indiscutíveis avanços sociais, conquistas sobretudo para as camadas mais pobres, ao mesmo tempo que tivemos o governo, inclusive o atual, caracterizado por políticas de alianças com forças retrógradas, sempre em nome da governabilidade. As forças de esquerda que apoiaram Lula não tinham maioria no Congresso Nacional. Creio que alguns problemas vêm se colocando historicamente para esse tipo de concepção de governo de coalizão na medida em que há uma série de dilemas e limites colocados para a ação do presidente Lula e da ex-presidente Dilma. Nem sempre tivemos uma convivência pacífica no conglomerado progressista de esquerda diante de uma política de alianças extremamente discutível, mas o êxito dos dois primeiros governos do presidente Lula colocou uma superioridade dos resultados alcançados frente às contradições e ambiguidades dos governos do PT. Este sentimento das novas gerações, de encarar o sistema como adversário a enfrentar e derrotar, teve um marco, do ponto de vista da direita e da extrema direita, nas manifestações de 2013, no momento do governo Dilma. Mesmo assim, ela conseguiu ser reeleita, mas já apresentava uma série de problemas, principalmente de condução da política econômica, e decisões, a meu ver, nem sempre as mais condizentes em relação a uma certa continuidade das linhas de atuação dos governos do PT. Foi um momento histórico complexo porque não foram apenas as forças de direita e de

extrema direita que saíram do armário e encontraram ali um caldo de cultura para colocar a cabeça de fora e começar a questionar o sistema de uma maneira mais agressiva mais violenta. Foi também um momento de contestação no campo da esquerda, que via no governo Dilma uma série de concessões cada vez mais evidentes às políticas neoliberais. Isso quer dizer que foi um momento híbrido de contestação, mas, em termos de enfrentamento do sistema, fora do imaginário tradicional da esquerda, realmente uma parcela das novas gerações começou a se distanciar de uma certa tradição de contestação de esquerda para migrar para posições mais conservadoras e, a meu ver, mais reacionárias.

3 - Para as novas gerações, a esquerda perdeu o encanto?

Resposta: Não creio que exista, por parte das novas gerações, a visão de que o sistema se confunde com a esquerda. Há uma parcela das novas gerações que tem uma atitude mais relutante frente ao discurso e às práticas dos governos do PT, né? E isso acabou sendo galvanizado pelas forças de direita e extrema direita no bojo da operação Lava Jato, da prisão arbitrária por 580 dias de Lula e, depois, da proibição de que o de que o ex-presidente voltasse a concorrer à Presidência da República, em 2018. A meu ver, a vitória expressiva de Jair Bolsonaro em 2018 acabou sendo um elemento de coesão de uma série de segmentos de direita e de extrema direita, que encontraram um ponto de propulsão, em que está incluída uma parcela ponderada das novas gerações. Quando digo que temos que ter cuidado de não identificar o sistema com a esquerda, é porque os governos do PT não são, necessariamente, um governo de esquerda, e a visão preponderante petista no campo da esquerda vem sendo, e não é de agora, contestada também. São objeções, respostas agressivas a métodos de ação política extremamente questionáveis. No espectro do movimento estudantil das novas gerações, são atitudes não propriamente contra uma ideia cristalizada de esquerda, mas associando os governos do PT ao que seria a esquerda, reagindo com posições nitidamente anticomunistas, antissocialistas e, no limite, antissociais, na medida em que se identificam com o neoliberalismo, que se identificam com políticas predatórias, com métodos de ação política violentos, com a desinformação, com mentiras, com a criação de uma série de mitos em torno da direita e da extrema direita. Portanto, essa parcela da juventude que se opõe à tradição petista e associa os problemas do país à esquerda o faz para enfraquecer Lula, o PT e a esquerda de maneira geral, mas o que está em jogo, a meu ver, é a questão do discurso e da prática dos governos do PT e aí incluída a parcela da esquerda, predominantemente hegemônica, que apoia esse discurso.

4. Ícones da esquerda, no início dos anos 1960, como Fidel e Sartre, saíram de cena, até pela passagem natural do tempo. Existem hoje referências no mundo com força suficiente para catalisar a utopia revolucionária de 60 anos atrás?

Resposta: Podemos, já na contemporaneidade, não ter mais ícones revolucionários como Fidel Castro, Ernesto Che Guevara, Jean-Paul Sartre, entre outros. E creio mesmo que há uma ausência de figuras catalisadoras das ideias de emancipação social e de predisposição revolucionária em nossos dias, porém me incluo entre aqueles que continuam valorizando e lutando pelas grandes utopias, porque nós não podemos nos resignar à ideia de que estamos condenados ao capital, ao liberalismo e à exploração do homem pelo homem. A utopia da transformação e da emancipação social é vigorosamente atual. Rejeito as chamadas utopias negativas, aquelas que se apresentam sempre com discursos fáceis. Penso que as utopias verdadeiramente questionadoras da ordem do capital, aquelas que valorizam a condição humana, as aspirações, os desejos e as necessidades das grandes maiorias exploradas e oprimidas, permanecem, sendo um fortíssimo chamado à mobilização em defesa de agendas de ideias, para que consigamos enfrentar os inimigos do povo, para tentar construir um outro tipo de sociedade, um outro tipo de mundo perfeitamente possível, em que preponderem as ideias da igualdade, da justiça social e do humanismo. Então o fato de não termos efetivamente, hoje em dia, grandes ícones não significa que as utopias tenham morrido, principalmente as utopias que se colocam na linha de frente das necessidades cruciais das grandes maiorias. Isto é: superar as iniquidades, as mazelas, as injustiças e todas as visões predatórias que vêm no rastro do modo de produção capitalista. Portanto sou um daqueles que continuam acreditando no valor das utopias e das lutas transformadoras.

5. Recentemente, tivemos uma clara divergência entre o posicionamento do PT, frente ao resultado eleitoral na Venezuela, e o presidente Lula. Essas diferenças públicas expressam a democracia interna do partido ou aparecem como um elemento novo, de distância, entre o PT e suas forças internas da base de apoio do governo?

Resposta: Será mesmo que existem divergências significativas entre o PT, a direção do PT, suas principais lideranças e o presidente Lula, mesmo em se tratando do caso da Venezuela? Nós devemos problematizar isso. Será que o PT toma posições descoladas sem consulta prévia e sem a chancela de Lula? Tenho sérias dúvidas. As divergências entre o partido e o presidente, o governo, são naturais e deveriam ser entendidas como fundamentais no debate democrático e na busca de caminhos e alternativas para o país porque,

afinal, o presidente Lula não é um oráculo, não é o detentor de visões proféticas. Ele não é o detentor das verdades cristalizadas. É um político profissional extremamente vivido, um líder popular incontestável. Basta ver que está no seu terceiro mandato presidencial e que merece toda a consideração em função de sua trajetória, porém acho que o Lula vem cometendo, não apenas no seu terceiro governo, alguns equívocos ao longo desse período em que o PT se tornou governo e uma força hegemônica. Exposições discutíveis do Lula merecem ser questionadas. Hoje em dia, se organiza uma espécie de fortaleza em torno do governo Lula, uma ausência de um espírito crítico mais acentuado e necessário. Divergir não significa, necessariamente, dividir. Nem significa levar água para o moinho da direita e da extrema direita. Essa mistificação, que tem encontrado eco em áreas significativas do PT e do próprio governo, tem que ser colocada em xeque. Essa postura tem consequências complexas e põe muitas vezes na conta da esquerda vacilações, equívocos e opções duvidosas em relação aos processos políticos, econômicos e culturais do país.

6. Por que as esquerdas brasileiras, pelo menos na atualidade, perderam as ruas para o conservadorismo e suas camisas amarelas?

Resposta: Com a ressalva indispensável de que, ao falarmos em esquerda, não estamos desconhecendo que há matizes diferenciados e que nem todas as organizações de esquerda se comportam e têm concepções idênticas, não há dúvida de que na atualidade a esquerda perdeu as ruas para o conservadorismo e suas camisas amarelas. Essa esquerda, chamada por alguns autores de esquerda liberal desde a vitória em 2022 de Lula e sua posse na Presidência da República, esse grupo expressivo no campo da esquerda, se convenceu de que qualquer forma de mobilização, de participação organizada, de contestação em mobilizações populares, teria como consequência o enfraquecimento do governo Lula. Essa ideia é bastante equivocada, a meu ver, porque retirou dessa esquerda liberal a convicção do valor insuperável das lutas sociais. Entendo que esquerda é para lutar, para transformar a sociedade, a vida e o mundo. Não pode se contentar com pequenas migalhas ou com pequenos avanços que parecem não resolver. Mesmo quando são avanços mais importantes, não parecem resolver problemas estruturais do Brasil. Parece-me que há uma certeza que precisa ser questionada, de que se reforçam os valores da democracia sem levar para as ruas as reivindicações, as respirações e os anseios das grandes massas. A esquerda parece convencida de que basta ter o presidente da República, a ocupação de cargos estratégicos no governo e as interferências eventuais nas políticas públicas que conseguiremos enfrentar

um adversário cada vez mais coeso e forte. A esquerda tem que desenvolver um trabalho consistente de conscientização, de organização, de mobilização, retomando as suas melhores tradições de luta, ou vamos ter problemas e vamos correr riscos sérios na eleição presidencial de 2026. Para o livro *A esquerda o golpe de 1964*, numa atualização que fiz, entrevistei recentemente Frei Betto, por quem tenho grande consideração. Frei Betto chamava atenção para uma certa analogia entre a esquerda pré-golpe de 1964 e a esquerda atual. Segundo Frei Betto, o trabalho de base foi e é subestimado e esquecido. A tarefa fundamental da esquerda é a de formação de consciência crítica, de mobilização das massas, de apresentação de alternativas concretas e consistentes para o país, ou seja, unir cada vez mais em torno de ideias e proposições capazes de mobilizar, de seduzir, de convencer áreas cada vez mais carentes da sociedade brasileira. Essa ideia, no período de 1960 a 1964, em que o trabalho de base não era uma necessidade urgente, encontra eco, diz Frei Betto, em 2024, com uma diferença muito significativa a favor da esquerda de 1960 a 1964. O trabalho de base pode ter falhado, pode não ter sido consistente. Isso se refletiu inclusive na organização da resistência ao golpismo, mas havia compromisso com a organização, com a mobilização, havia compromisso da esquerda daquela época com as lutas sociais e políticas que refletiam aspirações de grandes áreas populares. Então, se o trabalho de base deixou a desejar naquele período, não foi por falta de mobilização. Houve participação importante em comícios, em greves, em grandes mobilizações, para fazer avançarem as conquistas sociais durante o governo do Jango. Frei Betto diz que esse é um ponto que difere a esquerda de 1964 da esquerda de 2024. A esquerda atual não tem trabalho de base e não demonstra capacidade, vontade de comandar um trabalho de organização, de mobilização, de participação organizada das massas. Frei Betto dá um exemplo eloquente. Dois municípios importantes, um do estado do Rio de Janeiro e outro de Minas Gerais, são governados há vários mandatos por prefeitos do PT: Maricá e Ipatinga. E, no entanto, na eleição presidencial de 2022, Jair Bolsonaro venceu nesses dois municípios no primeiro e no segundo turno, o que demonstra realmente a incapacidade de se desenvolver um trabalho de base na sociedade em torno das conquistas que aconteceram naqueles dois municípios. Se não se desenvolveu um trabalho consistente de convencimento, de esclarecimento, de chamamento, de fortalecimento das mobilizações em torno dos próprios avanços e progressos nesses dois municípios, faltou o trabalho de base.

Chico OtávioORCID: <https://orcid.org/0009-0007-7829-6007>*PUC-Rio, Programa de Pós-graduação em Comunicação, Rio de Janeiro (RJ), Brasil**Especialista em Políticas Públicas pela UFRJ**E-mail: chico.otavio36@gmail.com*

Recebido em: 26 de março de 2024.

Aprovado em: 10 de abril de 2024.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution Non-Commercial (CC-BY-NC 4.0), que permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho para fins não comerciais, e embora os novos trabalhos tenham de lhe atribuir o devido crédito e não possam ser usados para fins comerciais, os usuários não têm de licenciar esses trabalhos derivados sob os mesmos termos.